
Sendo este artigo uma palestra de abertura dum Seminário, penso que ele corresponderá a seus objetivos se, principalmente, for provocador e intranquilizador de consciências. Pois assim ele, eventualmente, contribuirá para animar o debate filosófico. É nesta perspectiva, espero, que seja feita a leitura de minhas considerações sobre: **A PESQUISA FILOSÓFICA NA AMÉRICA LATINA.**

Sumário:

1. Observações preliminares.
2. A pesquisa filosófica na América Latina.
3. Necessidade da pesquisa filosófica na América Latina.
4. Novos encaminhamentos da pesquisa filosófica na América Latina.
5. Possíveis frutos duma pesquisa filosófica latino-americana.
6. A filosofia latino-americana como tema e como problema.
7. A filosofia latino-americana da libertação.
8. Encaminhamentos finais.

* Conferência feita na abertura do 1º SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISA FILOSÓFICA NA AMÉRICA LATINA: Cultura e libertação, realizado de 16 a 20 de novembro de 1993 na UERJ, Rio de Janeiro.

** Inácio Strieder é Professor do Departamento de Filosofia da UFPE.

1. Observações preliminares.

Mesmo que o meu tema se refira especificamente à filosofia latino-americana, vou retirar alguns preâmbulos, para minha reflexão, dos clássicos. Que são clássicos, justamente, porque nos continuam oferecendo estímulos para o debate.

Para podermos falar em “pesquisa filosófica” é preciso, primeiramente, situar-se em relação ao específico da filosofia e do filósofo. Por isto, estas minhas considerações preliminares.

Conta-nos Diógenes Laertius, em seu livro De vita et moribus philosophorum, I, 12, que, segundo a tradição provinda de Heraclides Ponticus (um discípulo de Platão), Pitágoras foi o primeiro que se identificou como filósofo. E para se caracterizar como tal, Pitágoras teria usado a imagem dos jogos festivos, freqüentados por três classes de pessoas:

1. Aqueles que buscam fama, tomando parte neles;
2. Aqueles que procuram ganhar, jogando suas apostas;
3. Aqueles que se contentam em ser espectadores. E esta seria a melhor forma de participação.

Os filósofos se assemelhariam a esta terceira classe: desprezando a fama e o lucro, buscando a verdade através da observação (contemplação). Naturalmente, uma observação crítica.

Pitágoras ainda teria feito uma distinção entre a sabedoria do filósofo (um conhecimento baseado na observação) e a habilidade prática do negociante e do atleta, obtida pelo treino.

Embora não se saiba com certeza se estas reflexões provêm, de fato, do Pitágoras histórico, encontramos preocupações semelhantes em Platão, em que ele procura caracterizar o que é a filosofia e em que ela difere das outras formas de investigação. Para alguns contemporâneos de Platão, o seu mestre Sócrates era um sábio, para outros, um sofista, e ainda outros o consideravam um cosmologista. Para Platão, Sócrates

não foi nada disto. Ele foi simplesmente um filósofo. Mas o que havia de diferente em Sócrates? Não daremos uma resposta direta a esta questão. Mas podemos verificar como, a partir do que Platão identifica em Sócrates como atividade especificamente filosófica, ele nos dá algumas características do que se pode entender como filosofia e pesquisa filosófica.

Apontarei aqui cinco características, que parecem significativas para uma reflexão sobre a pesquisa filosófica na América Latina:

1. Para Platão, a sabedoria filosófica tem a capacidade de se expor ao teste da discussão crítica. Nem o político, nem o artesão, nem o poeta sabem explicar por que, em última análise, estão fazendo o que fazem. Nenhum deles costuma formular clara e articuladamente um sistema de idéias e princípios. O fato de alguém saber adequadamente o que é certo e belo ainda não significa que possua uma sabedoria filosófica. O filósofo deve ser capaz de dar os fundamentos de sua ação e argumentação. Fundamentos estes capazes de resistirem a um exame crítico.
2. A segunda característica da filosofia, de acordo com Platão, é o seu método peculiar, que ele denomina de “dialética”. Embora o conceito de “dialética” em Platão seja um tanto obscuro, contudo, ele nos indica que a filosofia critica as opiniões recebidas. Assim, a filosofia, para Platão, é a mais elevada forma de investigação, pois só ela investiga sem pressupostos.
3. Em terceiro lugar Platão sugere que o filósofo tem acesso direto à “verdadeira realidade”, que se distingue do mundo cotidiano das constantes mudanças. Justamente por isto ele seria capaz de fazer a crítica final das opiniões recebidas. E já que o filósofo tem acesso direto à realidade, ele não precisa fazer suposições, nem recorrer a adivinhações. Por isto a filosofia se distingue das puras crenças e opiniões. O filósofo busca, portanto, uma sabedoria muito especial – a certeza a respeito da verdadeira natureza da realidade.

4. Em quarto lugar, para apreender a verdadeira natureza da realidade é preciso entender para quê existe determinado ser. Por exemplo, para entender a real natureza do homem, seria preciso saber qual é o ideal a que a natureza impele este homem. Para entender, por exemplo, por que Sócrates não fugiu da prisão é preciso conhecer os ideais de Sócrates, naturalmente distintos de suas exigências corporais.
5. Finalmente, a quinta característica da filosofia, segundo Platão, é o fato de que, a partir do conhecimento dos ideais do homem, o filósofo saberá como os homens devem viver. Os sofistas ensinavam aos seus discípulos como conseguir proveitos imediatos, como conseguir amigos e influenciar pessoas. Isto, segundo Platão, o filósofo não deve fazer. A arte de conseguir ganhos imediatos não é conhecimento. Portanto não é filosofia. Pois uma tal arte resulta em superficialidade e julgamentos apressados. Num tal contexto o filósofo poderá parecer um doido. Mas quando se trata de entender a verdadeira natureza do homem – e conseqüentemente a sua vida social – os homens necessariamente devem recorrer à filosofia. Por isto, para Platão, o filósofo se torna o legislador ideal, e um “personagem” necessário à sociedade.

2. A pesquisa filosófica na América Latina.

Bem. Até aqui os preâmbulos. Mas o que têm estas considerações inspiradas em Pitágoras e Platão a ver com a pesquisa filosófica na América Latina? Penso poder fixar alguns elementos.

Vejam. Pitágoras falava em jogo, com jogadores, apostadores e espectadores. E ele sugere a transposição desta imagem para caracterizar a situação do filósofo na sociedade. Assim, o jogo da vida de qualquer grupo humano apenas se torna emocionante com a presença dos espectadores, ou observadores críticos. A torcida (os caras-pintadas! etc.) fiscaliza, critica,

propõe táticas. E, muitas vezes, a reação da “galera” derruba técnicos (presidentes e talvez anões políticos...) pressiona mudanças e novos encaminhamentos. Neste sentido, o filósofo, para Pitágoras, seria justamente o mais consciente e crítico espectador do jogo da vida de um povo.

E isto nos leva à questão dos filósofos em nosso continente. Será que estamos participando das emoções do jogo da vida latino-americana, ou estamos desgastando nossas emoções demasiadamente, e alienadamente, com o jogo da vida de outras sociedades: Europa, Estados Unidos etc...?

Se nós, portanto, queremos saber em que pés anda a pesquisa filosófica na América Latina, é preciso primeiramente saber se aquilo que empreendemos como filósofos corresponde, de fato, ao que já os clássicos consideravam como atividade tipicamente filosófica, ou se apenas nos estamos exercitando mentalmente, tentando interpretar ou imitar as idéias que outros já pensaram antes de nós em outros continentes.

Achei muito significativo que num livro sobre “um século de pensamento latino-americano”, publicado em 1941 por W. Rex Crawford, nos Estados Unidos, e republicado com revisões em 1961 pela imprensa universitária de Harvard, se mencionem como pensadores brasileiros apenas Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Manoel Bonfim, mas nenhum filósofo (cf. W. Rex Crawford. A Century of Latin-American Thought. Harvard, University Press, 1961).

O mesmo não acontece em relação a outros países latino-americanos. Mas a constatação geral no livro é de que entre os pensadores latino-americanos há bastantes moralistas, críticos, cientistas políticos, sociólogos, mas raramente se destacam filósofos. Ainda em nosso tempo, a filosofia latino-americana e, principalmente a brasileira, tem sido quase exclusivamente caudatária da filosofia européia. Em menor dose da norte-americana. Pouca coisa de original aconteceu, que merecesse a atenção da cultura filosófica internacional ou

oferecesse contribuição original para a sociedade latino-americana.

A minha impressão é que esta situação ainda perdura predominantemente entre nós. E, provavelmente, também na maioria dos outros países latino-americanos. Pois vejamos. No ano passado (1992), no V Encontro Nacional de Filosofia, em Diamantina-MG, promovido pela ANPOF, entre as dezenas de comunicações e conferências apresentadas, apenas duas ou três articularam temas filosóficos tipicamente latino-americanos. Após ter feito uma comunicação sobre "uma ética para a América Latina", um colega me veio dar os parabéns pela coragem que eu havia tido em expor um assunto destes num congresso da ANPOF. Pois, segundo este professor, os "ases" da filosofia nacional, que influem em CNPq e CAPES, em relação aos projetos de pesquisas filosóficas e bolsas, torcem o nariz quando alguém se propõe pesquisar temas de filosofia latino-americana. Por isto até me surpreendi quando soube que o CNPq estava financiando minha viagem do Recife ao Rio para falar de pesquisa filosófica na América Latina.

Ainda em Diamantina, um destes filósofos de destaque nacional me dizia que agora novamente se sentia um verdadeiro filósofo, pois depois de muitos anos havia dado um giro pela Europa. Participara de vários congressos, visitara Apel e conversara com outros filósofos europeus. Oxalá todos pudéssemos tomar um "banho" de filosofia destes! Mas penso que não é isto que deve ser a base exclusiva para a legitimidade de sermos filósofos latino-americanos.

3. Necessidade da pesquisa filosófica na América Latina.

Na minha opinião, é necessário prestigiar a todos os que filosofam autenticamente pelo mundo a fora. E todo aquele que pretende, como Pitágoras, autodenominar-se de filósofo, não poderá deixar de retornar aos clássicos da filosofia. Pois eles são

fonte perene de inspiração para o nosso logos. Mas é preciso estar ciente de que também os clássicos são apenas mediadores para a criatividade de nosso espírito e não fim em si. Assim como eles foram homens situados e receberam os estímulos para filosofarem no confronto com os problemas de sua época e sua cultura, o filósofo na América Latina só se legitimará como tal se filosofar latino-americanamente.

É inegável, portanto, a necessidade de que todo filósofo conheça os clássicos do pensamento ocidental. É também sumamente útil conhecer ao máximo os sistemas filosóficos dos tempos modernos e das filosofias contemporâneas. Mas é indispensável que os estímulos para a nossa atividade e pesquisa filosófica provenham dos temas e problemas articulados em nosso contexto existencial.

A filosofia não pode contentar-se em ser um prazeroso jogo de abstrações mentais. Num continente como o nosso, com desafios e estímulos superabundantes para a criatividade filosófica, parece extremo luxo, para não dizer muitas vezes perda de tempo, especializar-se exclusivamente em filósofos europeus ou norte-americanos tentando simplesmente descobrir o que se teria passado em suas cabeças um século, ou décadas atrás. Isto apenas tem sentido como exercício mental ou pedagógico. Se não formos capazes de produzir sistemas de idéias originais, fazer propostas criativas de processos humanizantes e civilizatórios, os filósofos latino-americanos sempre serão considerados pensadores de segunda categoria. Mas, felizmente, já há alguns sinais de que a presença filosófica na América Latina busca um caminho próprio, mais adequado.

Eu não estou propondo que os filósofos latino-americanos deixem de pesquisar a filosofia produzida na Europa. Mas é preciso conscientizar-se que a filosofia europeia é uma filosofia e não a filosofia. E já estamos em condições de mostrarmos a nossa maturidade. Um passo importante para isto é mudarmos a orientação de nossa mentalidade, inclusive com alterações em nossa representação espacial simbólica. Pois

vejam, quando o latino-americano se refere aos europeus, fala nos "de arriba", considerando a si mesmo como alguém "de abajo". E o que vem de cima é visto como o arquetípico ao qual nos devemos conformar. Um tal esquema mental nos é inculcado desde a escola primária, e inclusive por elementos que fogem ao âmbito da filosofia propriamente dita. Basta tomarmos o nosso mapa-mundi, que situa como centro de perspectiva a Europa. Em todos estes mapas a Europa está em cima e a América Latina embaixo. Se virássemos este mapa de cabeça para baixo, ou fizéssemos um mapa com o centro de perspectiva na América Latina, a Europa, inclusive, ficaria menor. Façam a experiência, virando o mapa-mundi de cabeça para baixo, e reparem a estranheza que isto causa. Mas por que não poderia ser assim?

Há geógrafos que dizem que isto seria perfeitamente aceitável. Mas a nossa mente espacial está tão centrada na Europa, que se torna difícil assumir outro centro de perspectivas. Sabemos que a distribuição espacial é fundamental para a mentalidade que expressamos.

Os filósofos latino-americanos em sua maioria, parece que ainda não se libertaram de uma certa síndrome de colonizados. Sofremos como que as conseqüências de um pecado original de descentração. Aceitamos como natural que sejamos periféricos e, por isto, nos conformamos que nossas idéias sejam inócuas para a melhoria das condições humanas de nossas populações.

4. Novos encaminhamentos da pesquisa filosófica na América Latina.

Como já disse antes, não sou contra que os nossos programas de Mestrado e Doutorado pesquisem os filósofos medievais, modernos e contemporâneos da Europa Central ou da Antiguidade. Mas penso que chegou a hora de se investir também na pesquisa filosófica latino-americana, de modo que haja um equilíbrio entre os apoios dados a quem estuda Kant, Hegel,

Nietzsche, Wittgenstein, Heidegger etc., e os que pretendem ser criativos na elaboração de idéias e sistemas capazes de serem proveitosos ao povo latino-americano.

No meu entender, com a filosofia latino-americana deveria acontecer cada vez mais o que de certa forma está acontecendo com a música baiana. Esta música é bastante típica e regional mas ao mesmo tempo possui potencial universalizante, pois músicos de diversas partes do mundo já vão à Bahia para tocarem e cantarem com os músicos baianos.

Para a filosofia latino-americana o ideal seria que filósofos de outras partes do mundo viessem aqui para refletir e pesquisar conosco temas que nos afetam diretamente. O que, aliás, está começando a acontecer. Em setembro de 1993 realizou-se, por exemplo, um Seminário de filosofia latino-americana em São Leopoldo/RS, onde não só se concentraram filósofos representativos da América Latina, mas também estiveram presentes diversos filósofos europeus e norte-americanos. Este tipo de atividade, certamente, é estimulante para a pesquisa filosófica entre nós.

Penso também que seja fundamental para a pesquisa filosófica na América Latina que se fortifiquem alguns centros acadêmicos no continente, que cheguem a condições de excelência para pesquisa de temas filosóficos significativos para os latino-americanos. E estes centros deveriam poder acolher mestrands e a maioria dos doutorandos de nosso continente, evitando-se assim, que os nossos doutores em filosofia necessariamente tenham que ser fabricados na Europa ou Estados Unidos, ou em programas na América Latina, que não passam de simples caudatários europeus.

5. Possíveis frutos duma pesquisa filosófica latino-americana.

Às vezes tenho a sensação de que a pouca presença dos filósofos nos debates dos grandes temas e problemas

nacionais e latino-americanos beira às raias do escândalo. Seria fundamental superar nossa timidez, marcando mais presença ou assessoramento em todos os níveis que tratam de organizar ou melhorar a nossa convivência social: quais são as nossas contribuições para a educação, para a política, para a ética, para a cultura em nossos países? que conceito de desenvolvimento possuímos, ou qual a crítica consistente que fazemos ao modelo de desenvolvimento, e aos sistemas econômicos que nos são impostos? Quantos de nós somos chamados para discutir os conceitos que fundamentam a nossa organização social? Talvez seja mais gratificante especializar-se num filósofo europeu e sair por aí dando conferências com muita ilustração. Mas se nos ativermos a isto, não deixaremos de ser criticados como filósofos burgueses, beneficiários do sistema terrivelmente desumano que se instalou na América Latina ou, como dizia Lenin, "idiotas úteis ao sistema". De fato, muitos de nós somos capazes de discutir brilhantemente Kant, Hegel, Nietzsche, Wittgenstein etc. O que é louvável. Mas será que também somos capazes de encontrar respostas filosóficas para os problemas da miséria, da violência, da injustiça, da desumanidade em que vive a maior parte da população latino-americana? Entendo que somos filósofos deste tempo e deste continente. E a nossa filosofia só se legitima se se colocar a serviço dos homens que são os nossos companheiros espaciais e históricos. E é nesta direção que deveriam encaminhar-se predominantemente as nossas pesquisas.

É preciso que os filósofos latino-americanos se libertem duma possível acusação de que são "idiotas úteis" ao sistema, ou coniventes com a exclusão da maioria dos concidadãos do acesso a uma vida minimamente humana.

Para encaminhar a nossa filosofia por novas trilhas na América Latina, espero pelo dia em que os nossos estudantes, além de pleitearem bolsas para se doutorarem em Paris, Heidelberg, Oxford, comecem a disputar junto aos órgãos financiadores do CNPq, CAPES etc, apoios para fazerem seus

doutorados em centros de excelência filosófica na própria América Latina.

Mas, como filosofar, salvaguardando-se as exigências do que é especificamente filosófico, segundo a tradição da filosofia ocidental?

Nos preâmbulos desta minha palestra apontei cinco (05) características próprias à filosofia, nos moldes clássicos. Estas características, devidamente transpostas para o nosso tempo, parece-me, também deveriam ser verificáveis numa filosofia latino-americana.

Segundo estes preâmbulos, Platão nos ensina que a sabedoria filosófica deve saber discutir "dialecticamente", e de forma competente, as opiniões recebidas e os sistemas vigentes. E, a partir desta competência, formular articuladamente outros sistemas de idéias e princípios. Exercitando esta sua capacidade, o filósofo terá condições de apreender a realidade, que se decompõe em dois níveis: o nível do mundo cotidiano dos contrastes e das mudanças; e o nível onde se articulam os ideais e os sentidos que transcendem a transitoriedade do mundo da corporeidade. Nível determinado por Platão como a verdadeira realidade. Penso que não precisamos discutir aqui o "idealismo platônico" para formar um conceito adequado da "realidade global". Platão ainda nos ensina que somente com a apreensão adequada das finalidades, sentidos e ideais dos seres em geral e do homem seremos capazes de propor como os homens devem viver. Aqui se repara que também para Platão a filosofia tinha uma função prática.

As indicações de Platão parecem-nos sugerir que apenas serão legítimos, em termos filosóficos, os projetos e sistemas formulados por filósofos que se aprimoraram no conhecimento da realidade, tendo como base uma antropologia sobre a qual constroem suas análises, interpretações sistematizadas e propostas de ação, em função do viver humano.

Neste sentido, em que pé anda a pesquisa filosófica na América Latina? Faltam-me os dados numéricos de tudo o que

se está pesquisando no Brasil e na América Latina. O certo é que, depois das ditaduras militares, a filosofia já criou novo alento na América Latina. E, já é evidente que além da vertente filosófica europeia, está-se afirmando uma vertente mais latino-americana entre nós.

6. A filosofia latino-americana como tema e como problema.

Se nos propuséssemos estudar a filosofia latino-americana sob o ponto de vista **histórico** e **temático**, poderíamos dividir a filosofia dos praticamente quinhentos anos de nossa história em cinco períodos, correspondentes aos períodos da filosofia moderna europeia: escolástica, iluminismo, romanticismo, positivismo e filosofia contemporânea. Não entraremos aqui na análise destes períodos, pois isto foge aos nossos objetivos. Mas a própria possibilidade de podermos dividir a história da filosofia da América Latina em períodos idênticos aos da Europa nos leva a desconfiar que a nossa filosofia sempre foi um repique das idéias e sistemas gerados na Europa: França, Alemanha, Inglaterra e Espanha, demonstrando uma espécie de "**entreguismo filosófico**", à semelhança do "**entreguismo político**" colonizador.

Mas, por outro lado, podemos também enfocar a filosofia latino-americana sob o **aspecto problemático**.

O nível **temático-histórico** tem hoje a sua continuidade nos filósofos na América Latina que se aplicam simplesmente a estudar e pesquisar os filósofos europeus. E estes, parece, serem ainda a maioria em nosso continente. As filosofias que se pretendem mais legitimamente latino-americanas se ancoram na tradição da filosofia problemática.

E sob este ponto de vista problemático a filosofia latino-americana começou também há quase 500 anos com a polêmica entre Bartolomeu de las Casas e Sepúlveda, discutindo temas que afetavam diretamente a realidade latino-americana.

Neste sentido, por exemplo, o europeu, ao descobrir outros povos nos inícios dos tempos modernos, descobre também a si mesmo, e se caracteriza como homem arquetípico.

A partir deste momento ele quer obrigar outros homens a abraçarem os ideais do homem europeu. Por isto, ao descobrir novas terras com habitantes que pareciam homens, lhes exige que justifiquem sua suposta humanidade. Neste contexto, Sepúlveda nega ao ameríndio as características do ser humano, e o faz em nome de um cristianismo revestido de conceitos aristotélicos. A partir da argumentação de Sepúlveda começa uma gigantesca discriminação planetária entre os "**homens**" e os "**sub-homens**", considerados apenas como aspirantes a se tornarem homens. Ainda no séc. XX esta divisão da humanidade em "**homens**" e "**sub-homens**" mereceu uma crítica de Sartre, quando comentava que a terra era povoada por 2 bilhões de habitantes, entre os quais havia 500 milhões de homens e 1 bilhão e meio de indígenas. Os primeiros dispunham da palavra e os outros a tomavam emprestada.

Ante a total discriminação do indígena tornava-se necessário demonstrar que ele era também ser humano. Os primeiros a tentarem fazê-lo são os missionários. Especialmente Bartolomeu de las Casas. Ele o faz argumentando que o indígena era homem porque era semelhante ao europeu, isto é, semelhante ao arquetipo. Os indígenas eram homens, argumenta las Casas, porque, sem sabê-lo, já se haviam comportado como cristãos. Por isto bastaria torná-los conscientes disto para serem plenamente seres humanos. Assim, o batismo em massa os transformava imediatamente em homens. Dali para frente o problema se reduzia a cultivar esta humanidade. Finalmente o Papa Paulo III confirmou as idéias dos que defendiam as teses de que os habitantes das américas também eram seres humanos. Esta conclusão de Paulo III, ao que parece, até hoje não foi negada. Se, portanto, os povos latino-americanos são de fato homens, isto significa que eles também possuem cultura própria. Por isto também se torna legítimo perguntar pela filosofia original da

América Latina já que a filosofia se insere em culturas. Se era vital demonstrar que os latino-americanos eram homens, parece também vital demonstrar que somos capazes de filosofar latino-americanamente. Embarcando nesta linha problemática da filosofia, despertou em nosso tempo um movimento em favor de uma filosofia latino-americana. Hoje os adeptos e simpatizantes desta idéia estão crescendo. O presente encontro na UERJ é uma prova disto. E a organização da pesquisa filosófica nesta linha está se fortificando.

7. A filosofia latino-americana da libertação.

Hoje já podemos falar de uma filosofia típica latino-americana, a filosofia da libertação, que se impõe cada vez mais com suas pesquisas e debates. Em fins de setembro e inícios de outubro p.p., por exemplo, como já mencionei, realizou-se em São Leopoldo/RS o IV Seminário Internacional de Filosofia da Libertação, com participação de vários dos principais expoentes desta linha de reflexão em nosso continente. O interessante é que estes filósofos já conseguiram atrair a atenção de filósofos europeus e norte-americanos. No encontro de São Leopoldo, o principal interlocutor foi Karl-Otto Apel, que, em sua conferência, pelo que pude perceber, manifesta, no entanto, dúvidas quanto à consistência da filosofia da libertação. Para Apel toda filosofia deve fundamentar suas perspectivas referenciais em uma base absoluta, universal e transcendente como, por exemplo, a racionalidade kantiana. E a filosofia da libertação careceria desta base, pois toma como ponto de partida o demasiadamente cotidiano e contingencial, como a situação de carência, miséria e exclusão do homem latino-americano. Em relação a esta posição de Apel, Henrique Dussel contra-argumenta que, para a filosofia da libertação, a base absoluta é o homem. Que, na América Latina, se qualifica de forma muito específica.

Outros criticam a filosofia da libertação por articular, segundo dizem, a conceituação/marxiana numa leitura supostamente já superada no ambiente filosófico europeu.

Talvez, de fato, possamos criticar a filosofia da libertação por fazer uma espécie de reducionismo ético em relação aos problemas latino-americanos. É claro que uma filosofia não se pode reduzir a uma questão ética ou econômica. Mas, certamente, a filosofia da libertação nos poderá libertar da acusação marxiana de que **"até agora os filósofos se limitaram a interpretar o mundo"**. Pois, para os filósofos da libertação, grande parte do discurso filosófico tradicional se esgotou por causa de seu discurso abstracionista. Por isto era necessário mudar o discurso para que algo acontecesse. Não se poderia mais permanecer indiferente diante da eventualidade de que **"com filosofia, ou sem filosofia"** o mundo continuasse o mesmo. Ao lado dos filósofos da libertação, e em grande parte afinado com eles, já se destaca também na América Latina, um grupo de professores de filosofia da Ordem dos Jesuítas. Este grupo se reúne periodicamente, expõe as suas pesquisas e intuições aos colegas e as divulga em artigos e livros. Este grupo já publicou três livros interessantes em espanhol. Um, com o título **"Para una filosofia desde América Latina"**; o outro, **"Irrupción del pobre y quehacer filosófico – hacia una nueva racionalidad"**; e o terceiro **"sabedoria popular, símbolo, filosofia"**. Mas já existem muitos outros grupos de pesquisa que valorizam a filosofia latino-americana, espalhados por quase todos os países do continente e também em vários estados brasileiros. O que é auspicioso.

Como já disse, infelizmente não possuo os dados numéricos do que se está fazendo de fato. O certo é que algo de novo está acontecendo no contexto filosófico latino-americano. Contudo, mesmo diante destes dados positivos, ainda temos a impressão que a situação da pesquisa filosófica na América Latina, no nível destes novos encaminhamentos, se assemelha bastante às características do pós-moderno: há ainda pouca

clareza conceitual, pouca sistematização e muita dispersão. Também, estamos apenas nas primeiras décadas desta reflexão.

Para mim, muitos problemas e temas latino-americanos não podem ser abordados filosoficamente de forma imediata. Antes de abordá-los necessitam de uma abordagem pré-filosófica, que deve ser mediada por outras ciências. Principalmente pelas ciências humanas. Certos problemas que, por exemplo, têm raízes primordialmente históricas, econômicas, culturais não podem ser simplesmente conceituados filosoficamente sem antes termos estudado história, economia, antropologia etc. Talvez, por isto, a pesquisa filosófica se torne tão penosa e lenta. Pois, para podermos filosofar consistentemente, muitas vezes, é necessário termos uma visão histórica, econômica, sociológica, política e, principalmente, antropológica adequadas. Sem isto muitas das nossas considerações serão ingênuas.

Por isto, quanto mais dialogamos com as outras ciências, tanto melhor será a nossa filosofia. É necessário, por isto, que os filósofos somem forças com os cientistas de outras áreas que pensam latino-americanamente.

8. Encaminhamentos finais.

Como encaminhamentos finais gostaria ainda de fazer umas últimas considerações.

– Os filósofos latino-americanos, se não quiserem ser tachados de filósofos europeus deslocados, necessariamente terão que pesquisar, tendo como perspectiva central a América Latina.

Mesmo que nós nos consideremos especialistas em Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Wittgenstein, Sartre, Heidegger, ou qualquer outro filósofo "de arriba", os europeus sempre nos colocarão em segunda ou terceira categoria, pois considerarão os seus intérpretes destes filósofos mais competentes do que um eventual e longínquo filósofo latino-americano. No meu entender, nós latino-americanos, somente nos imporemos como

filósofos, superando a descentração histórico-espacial e, conseqüentemente, a alienação, se nossos objetivos filosóficos forem a constituição de uma filosofia política nossa, de uma filosofia adequada a nossa indústria e nossas riquezas, de uma filosofia de nossa literatura, de nossa religião, de nossa história, de nossa educação, enfim uma filosofia adequada à realidade sócio-cultural latino-americana.

É preciso que os filósofos latino-americanos se conscientizem que "ser homem" não é somente ser norte-americano, francês, inglês ou alemão. "Ser homem" é também ser latino-americano, como o norte-americano é norte-americano; o inglês, inglês; o francês, francês; o alemão, alemão.

Claro, a mudança de mentalidade é lenta. Em nosso século, o primeiro momento de uma consciência latino-americana entre os filósofos se deu pelos anos 40. Hoje, embora haja uma vitalidade filosófica latino-americana em andamento, predomina ainda em grande parte dos filósofos brasileiros, e certamente também nos dos outros países latino-americanos, a europeização da filosofia. Inclusive, filósofos de destaque entre nós demonstram claro desdém quando se trata de filosofia latino-americana. Parece que muitos dos atuais filósofos da América Latina, embora talentosamente capacitados, ainda não se aperceberam que continuar se apoiando exclusivamente em idéias e crenças geradas na Europa ou Estados Unidos não resolverá os problemas dos povos latino-americanos, e, muito menos, preencherá as suas aspirações espirituais. É preciso privilegiar as pesquisas que buscam a identificação do que é próprio da cultura e do "logos" latino-americano, para não continuarmos sendo apêndices secundários da filosofia européia.

a história já demonstrou fartamente que a filosofia européia é uma filosofia e não a filosofia. É certo, por causa de sua rica história ela sempre será a maior inspiradora da filosofia ocidental, mas é oportuno não desprezar a filosofia da história que proclama a originalidade, a individualidade e a irredutibilidade do espírito em função das circunstâncias do

tempo e do lugar. Desta forma, a América latina se constitui, de fato, num **"lugar filosófico"**. Ela se descobre na realidade de uma história, de uma cultura e de uma natureza física, que formam os contornos e a condição da espiritualidade e do logos latino-americano. Para se tocar neste logos, e articulá-lo, se torna necessário que nossa filosofia pesquise as raízes ontológicas e sistêmicas do homem que somos e dos homens que nos cercam. E para nós estes homens são os homens latino-americanos juntamente com suas circunstâncias. Por isto, se quisermos construir uma filosofia significativa, e não puramente abstracionista e especulativa a-temporal e a-histórica para o contexto em que vivemos, são justamente estes homens os que deverão se constituir na fonte originária, e referencial primeiro, de nossas inspirações filosóficas. Somente se constituirmos estes homens, em suas dimensões ontológicas e sistêmicas, em objeto de nossas pesquisas filosóficas nos constituiremos nos filósofos de que a América Latina necessita.